



Uróboro: simboliza o ventre primal, o eterno retorno e o casamento dos opostos.

Número Especial  
**CRÍTICA JUNGUANA**

**Claudia Canuto, org.**

© *Copyright dos autores dos artigos.*

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema retrieval ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, de xerox ou outros sem prévia autorização por escrito dos autores. Aos infratores serão aplicadas as sanções previstas nos artigos 122 e 130 da Lei nº 5988, de 14 de dezembro de 1973.*

### **Pede-se permuta**

Capa: Gil Maciel e Patrícia Pavas  
Edição: Patrícia Pavas  
Org., layout & traduções: Claudia Canuto  
Diagramação: Karina Peixoto  
Impressão: Imprensa Universitária - AL

#### **Créditos:**

O ensaio "Female Quest Toward Água Pura" de Ellen H. Douglass apareceu originalmente em *Brazil/Brasil*. Publicado aqui por licença desta revista.

O ensaio "Cultura e Humanidades" de Evelyn J. Hinz e John J. Teunissen apareceu em *Jungian Literary Criticism*, ed. Richard P. Sugg. Publicado aqui por permissão dos autores.

Impresso no Brasil  
**Printed in Brazil**

LEITURA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Estudos lingüísticos e literários nºs 15/16 jan./dez. 1995 Maceió - AL

Universidade Federal de Alagoas.  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - CHLA 1994 p. 91

1. Letras - Periódicos. I. Universidade Federal de Alagoas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - CHLA.

CDU - 8 (05)

**LEITURA:** publicação do Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal de Alagoas.

**Conselho Editorial**

Denilda Moura  
Marisa Bernardes  
Izabel Brandão  
Claudia Canuto

**Consultora**

Darlene Sadler, U. de Indiana-Bloomington, USA.

**Endereço para correspondência:**

Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Alagoas  
Cidade Universitária - Tabuleiro do Martins  
Maceió - Alagoas  
CEP: 57072-970  
Fone/Fax: (082) 322-2271

Conta a lenda que, quando da vitória do Cristianismo, uma forte voz fez estremecer as margens do Mar Morto ao conclamar: "O Grande Deus Pã está morto!"

Talvez por isso tenhamos passado os dois mil anos subseqüentes tentando, matá-lo.

De forma similar, temos várias vezes ouvido vozes importantes - vozes de intelectuais religiosos preocupados em moralizar a "descida" aos arquétipos, ou de algumas feministas que, apressadas em condenar o inegável machismo com que é descrito o animus, acabam por jogar fora o bebê com a água suja do banho - sugerirem que o grande C. G. Jung está morto.

Mas matar Jung seria silenciar a nossa própria compreensão da alma humana, sem extinguir aqueles aspectos dela que ofenderiam às nossas crenças e preconceitos. Assim, na psiquê como na cultura, na obra literária como na crítica, o exame de nossas produções desmente o fatal veredito. Entre estas produções, um dos marcos mais importantes para o crítico junguiano foi a publicação, em 1992, do livro editado por Richard P. Sugg, *Jungian Literary Criticism*, infelizmente ainda sem tradução entre nós.

Marco bem mais modesto, portanto de igual relevância, não em abrangência, mas em significado, é o presente número especial de **LEITURA**.

Tudo começou em nossa salinha de aula nas Alagoas, num curso introdutório sobre a crítica literária mítica e junguiana - curso que se desdobrou em mais um semestre, culminando na formação de um grupo de pesquisa registrado junto ao CNPq, e neste exemplar de **LEITURA**.

Não foi à toa, durante tanto tempo, o nordeste foi um dos principais pólos da cultura brasileira. Nas Alagoas descobri bastante vivas a erudição e a inteligência crítica que lhe deram fama. Este número de **LEITURA** testemunha uma pequena parcela deste talento, já que corresponde apenas a alguns dos trabalhos que resultaram de nosso curso inicial. Entre eles se encontram uma análise do feminino em Graciliano Ramos, do símbolo do ovo enquanto representação do Self em Clarice Lispector, das imagens

---

arquetípicas da alma em Alphonsus de Guimaraens, e da sombra em Breno Accioly. Aguardando publicação encontram-se outros artigos das mesmas autoras, além de trabalhos de Rita Namé, Marcia Sobral e Vilma Bezerra.

Como enriquecimento, temos a voz internacional de Ellen H. Douglass, que numa análise extraordinariamente lúcida reconstrói, sob o prisma da visão da mulher, a trajetória mítica da busca em *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector. Uma tradução deste artigo seminal sairá possivelmente em um dos próximos números da *Revista do CHLA*.

Para finalizar, somos contemplados com o artigo dos professores canadenses Evelyn J. Hinz e John J. Teunissen, o qual terá sem dúvida valor inestimável ao demonstrar que a crítica arquetípica não necessita ser confinada aos limites de um sistema fechado. Assim, eles examinam as relações do arquétipo com o mito e com a história, situando-as não só em parâmetros que ponderam a situação cultural, como também em um contexto de especial relevância para o crítico literário.

**Claudia Canuto**

## EDITORIAL

---

It is a well-known legend that, upon the victory of Christianity over the widespread paganism of Europe, an ominous voice shook the shores of the Aegean Sea when it proclaimed: "The Great God Pan is Dead!".

This is the reason, perhaps, why we've spent the next two thousand years trying to kill Him.

In a similar manner, for many a time we've heard important voices suggest - voices of religious professors concerned with "moralizing" the "descent" to archetype, or of zealous feminists who, in their eagerness to call attention to the undeniable chauvinism with which the animus is described, end up throwing out the baby with the bath water - that the great C. G. Jung is dead.

But killing Jung would be silencing our very understanding of the human soul, without doing away with those of its aspects that might offend our beliefs and prejudices. Therefore, in psyche as in culture, in the literary as in the critical work, an examination of our productions belies such a fatal verdict. Among these productions, one of the most important was the publication, in 1992, of the book edited by Richard P. Sugg, *Jungian Literary Criticism*, unfortunately still waiting for translation among us.

Quite more modest a mark, hence of an equal relevance - while not in scope, certainly in significance - is the present special issue of **LEITURA**.

It all began in our small classroom in Alagoas, at an introductory course on mythical and Jungian literary criticism. Soon the course unfolded into a two-semester course, reaching its peak with the foundation of a research group registered with CNPq, and with this special issue.

It wasn't by chance that the Northeast of Brazil epitomized, for so long a period, one of the main poles of Brazilian culture. In Alagoas I found that the erudition and critical intelligence for which the Northeast was once known is alive and well. This issue of **LEITURA** gives partial witness to this talent, since it displays only a few of the articles which came out of our original course. Among them we find an analysis of the female image in

---

Graciliano Ramos, of the egg as a representation of the Self in Clarice Lispector, of the archetypical images of the anima in Alphonsus de Guimaraens, and of the shadow in Breno Accioly. Waiting for publication are other articles by the same authors, in addition to papers by Rita Namé, Marcia Sobral and Vilma Bezerra.

The international voice of Ellen H. Douglass adds an original and creative perspective to the aforementioned articles. In her essay she rebuids, from a woman's point-of-view, the mythical heroic quest in Clarice Lispector's *Perto do Coração Selvagem*. A translation of this seminal work should appear in one of the upcoming issues of **Revista do CHLA**.

Proverbially last but not least, we are rewarded with the article of Canadian professors Evelyn J. Hinz and John J. Teunissen, which should prove invaluable in helping clarify how archetypal criticism doesn't have to limit itself to the confines of its own closed system. In so doing, Professors Hinz and Teunissen expose the relationships of archetype to myth and history, placing them not only within a framework of culture, but also within a context of special relevance to the literary critic.

**Claudia Canuto**